

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

SARA DAYSE SOUTO PORFIRIO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS POSSIBILIDADES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ANA
CLEMENTINA DA CONCEIÇÃO JAÇANÃ /RN**

UFMG / BIBLIOTECA

CUITÉ PB

2011

SARA DAYSE SOUTO PORFIRIO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS POSSIBILIDADES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ANA
CLEMENTINA DA CONCEIÇÃO JAÇANÃ /RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde - UFCG/CES como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. André Antunes Martins

CUITÉ-PB 2011



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE

Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

P835e

Porfírio, Sara Dayse Souto.

A educação de jovens e adultos e as possibilidades de ensino e aprendizagem: um estudo na escola municipal Ana Clementina da Conceição Jaçanã - RN. / Sara Dayse Souto Porfírio – Cuité: CES, 2011.

40 fl.

Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro de Educação e Saúde – UFPG, 2011.

Orientador: Dr. André Antunes Martins.

1. EJA. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Ensino - aprendizagem. I. Título.

CDU 37.014.22

UFPG / BIBLIOTECA

SARA DAYSE SOUTO PORFIRIO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS POSSIBILIDADES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ANA
CLEMENTINA DA CONCEIÇÃO JAÇANÃ /RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde - UFCG/CES como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovada em 02 / 12 / 2011

Banca Examinadora



André Antunes Martins (Orientador)

Lauro Pires Xavier Neto (Titular)

Caroline Zabendzala Linheira (Titular)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar comigo em todos os momentos de minha vida, sobretudo nos instantes de angústia e dúvidas.

A meus pais Maria Claudires e Orlando Porfirio pelo exemplo de amor e dedicação a nossa família, pela confiança e apoio incondicional.

As minhas irmãs Carla Beatriz e Suênia Daysieli por todo carinho e auxílio durante essa longa caminhada.

A minha amada filha Clara Sophia e minha querida sobrinha Anna Laura.

Ao meu marido João Paulo pelo seu companheirismo e dedicação.

A Minervina Casado e Maria Lúcia pelo carinho e amizade, por estarem comigo nos momentos mais difíceis de minha vida.

Ao professor André Antunes Martins pelo exemplo de educador e amor a profissão, pela orientação constante na elaboração desse trabalho.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
Summary.....	07
Introdução.....	09
Capítulo 1-A educação de jovens e adultos e a política educacional.....	12
1.1 Caminhos e descaminhos: políticas educacionais da EJA a partir dos anos 90.....	13
Capítulo 2- Possibilidades de ensino e aprendizagem na EJA.....	19
Capítulo 3- Ensino-aprendizagem na EJA: livro didático e currículo contextualizado..	25
Capítulo 4-A educação de jovens e adultos: relatos de uma vivência de pesquisa.....	30
Considerações Finais.....	36
Referências Bibliográficas.....	38

RESUMO

A produção deste trabalho foi motivada pela necessidade de pesquisarmos sobre os processos de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos no contexto local, onde atuamos como docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como principal instrumento de pesquisa o diário de campo, onde a cada aula registramos os acontecimentos ao longo de nove meses, como também, realizamos uma revisão da literatura sobre o tema proposto. Alguns autores foram centrais para o desenvolvimento desse trabalho como Paulo Freire em duas grandes obras: *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia do Oprimido* (1970), Brzezinski (2008), Pierro (2010), Arelalo e Kruppa (2007), dentre outros. As reflexões conclusivas mostram que há uma falta de material didático adequado localmente, sobretudo, o livro didático. Sendo assim, a Eja necessita de políticas educacionais que rompam com o ensino compensatório e o, conseqüente, material didático descontextualizado, mas, ao contrário, que valorizem a produção de material pedagógico considerando a diversidade social e cultural.

Palavras-Chave: diversidade, livro didático e ensino-aprendizagem.

SUMMARY

The production of this work was motivated by the need to inquire about the teaching-learning in Adult and Youth Education in the local context, where we work as a teacher. It is a qualitative research, the main research instrument the field book, where each class events recorded over nine months, in addition, we conducted a literature review on the theme. Some authors have been central to the development of this work as Paulo Freire in two major projects: Pedagogy of Autonomy (1996) and Pedagogy of the Oppressed (1970), Brzezinski (2008), Pierro (2010), Arelalo and Alves (2007), among others . The concluding reflections show that there is a lack of suitable teaching material locally, especially the textbook. Thus, Eja needs of educational policies that break with the education and compensatory, consequential, decontextualized educational material, but rather, that enhance the production of teaching materials considering the social and cultural diversity.

Keywords: diversity, textbook and teaching and learning.

“Você não pode ensinar nada a um homem; você pode apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesmo”
(Galileu Galilei)

INTRODUÇÃO

A EJA(educação de jovens e adultos) ainda mais fortemente que o ensino regular vem passando por desafios educacionais ao longo dos anos. Barreiras em termos de financiamento quando falamos, por exemplo, em material didático, salários adequados para os professores, projetos que venham beneficiar diretamente as turmas desse tipo de ensino.

Podemos destacar que essa atividade historicamente é caracterizada por uma educação popular, formado por indivíduos que em sua grande maioria estavam excluídos do sistema educacional e a partir da criação de turmas de EJA têm a possibilidade de mudarem suas vidas socialmente. Portanto esses indivíduos passam a ter acesso ao ensino continuado, a conviver com outras pessoas com objetivos diversos, colaborando dessa maneira na afirmação de sujeitos inseridos socialmente, politicamente e intelectualmente na realidade que se apresenta.

Tendo em mente que os projetos vinculados a este nível de ensino são bastante reduzidos, vimos à oportunidade de aplicar e desenvolver um projeto de pesquisa em ciências a fim de tentarmos construir uma maneira mais concreta de conhecimento científico, a partir de estudos semanais diretos. O objetivo neste caso era estudar a turma em questão para juntos tentarmos entender os fenômenos não só da biologia em si, mas todo o seu conjunto, ou seja, tentar entender o todo valorizando a importância de cada disciplina para depois estudarmos mais profundamente as partes das ciências biológicas.

A cidade escolhida para a aplicação do projeto fica localizada no município de Jaçanã R/N situada na mesorregião do Agreste Potiguar e na microrregião Borborema Potiguar com uma população de aproximadamente 8.189 habitantes. A escola onde aplicamos o projeto foi a Escola Municipal Ana Clementina da Conceição localizada na Rua Manoel Fortunato- Centro- Jaçanã/RN. A turma escolhida pertence 7º e 8º ano, com alunos entre 14 e 26 anos. Discentes em maioria da zona rural, onde grande maioria trabalha durante todo o dia, desta maneira não possuem tempo livre para estudo. Diante desse fato tínhamos que fazer do nosso horário escolar o melhor possível tentando inovar, enriquecer, melhorar, aprender e trocar conhecimento.

Mesmo a escola não disponibilizando de material didático adequado para o desenvolvimento de nossas aulas, não fizemos do fato um impedimento para elaboração de atividades que viessem beneficiar diretamente os educandos. Assim, nos apropriamos do que tínhamos no momento, fazendo disto o melhor possível pensando na melhoria do ensino e, conseqüentemente, na melhoria de vida para os alunos. Cartazes, ilustrações em papel branco, filmes educativos, aulas práticas, conversas informais com os alunos dando a devida importância para os fatores externos trazidos pelos mesmos. Garantindo que o discente pudesse senti-se valorizado e parte integrante e fundamental do sistema escolar.

Afinal cada turma independente do nível escolar trabalhado tem suas peculiaridades, neste caso, cada uma exige um ensino diferenciado, ampliado e muitas vezes totalmente modificado para desta maneira ser auto-suficiente para construção de um conhecimento mais sólido e ampliado. As dificuldades existem em qualquer nível de ensino independente da faixa etária ou condição social e cabe ao educador inovar e reinventar suas práticas educacionais ao longo de cada experiência escolar

Não existe método de ensino perfeito, tão pouco um modelo ideal a seguir, mas sim a sensibilidade de perceber as necessidades particulares e únicas de cada um. Logo, nossa atividade pedagógica foi trabalhada através de aulas semanais, e modificadas ou ampliadas a partir das necessidades identificadas ao longo de cada aula, a exemplo de críticas construtivas ou não, elogios em relação ao método de ensino, sugestões dos alunos ou colegas de trabalho. Portanto não se trata de um projeto individual, mas uma pesquisa envolvendo a participação coletiva ou mesmo um trabalho com um grande grupo de pessoas, contribuindo ativamente para seu desenvolvimento.

ATO1

"Se a história se repete, e o inesperado sempre acontece quão capaz precisa o homem ser de aprender com a experiência?"

(George Bernard Shaw)

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A POLÍTICA EDUCACIONAL

A Educação Para Jovens e Adultos – EJA representa não apenas uma oportunidade de conclusão do ensino fundamental e médio em um tempo diferenciado ao ensino regular, mas pode representar um lugar significativo de compreensão e intervenção social para aqueles que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência. Em virtude dessa importância compreendemos que ações que viessem acrescentar uma melhoria neste nível de ensino seriam essenciais para alcançarmos melhorias no ensino público.

O fato é que no momento em que a população passa a participar ativamente de ações que irão influenciar diretamente a escola, consequências positivas passam a ocorrer e a comunidade escolar, como um todo, tem boas razões para complementar, melhorar e construir maneiras novas e diferenciadas de ensino e aprendizagem. Em relação ao Estado podemos afirmar que sua ação é fundamental para promover melhorias no ensino, como também, proporcionar um avanço na educação de jovens e adultos, em vista disto Brzezinski (2008) afirma:

O caráter indutor do Estado é essencial, pois ao contrário do ensino regular onde há um estímulo social bastante relevante, sobretudo dos pais em relação à necessidade da criança e do adolescente frequentar a escola, no ensino da EJA a oferta estimula a demanda (p.132).

Como sabemos, em grupos pobres excluídos de condições sociais básicas, com frustradas experiências escolares anteriores, não basta oferecer escola, é necessário criar condições de frequência, utilizando, inclusive, uma política de discriminação positiva, sob risco de mais uma vez culpabilizar os próprios alunos pelos seus fracassos. Mais do que isso é necessário promover a demanda a partir da oferta, pois ela vai se constituindo gradativamente pelo exemplo e pela confiança daqueles que vão se incorporando aos sistemas de ensino.

A escola nessa perspectiva poderia construir propostas educacionais de acordo com a necessidade de todos os indivíduos envolvidos nesse sistema. Trata-se de dar mais liberdade para estas instituições, pois elas convivem constantemente com a

realidade do sistema escolar, sendo assim, teriam perfeitamente condições de trazer melhorias para o ensino juntamente com o Estado. Isto é, a elaboração, por exemplo, do calendário escolar, do projeto político pedagógico (PPP), além de pedidos para inclusão de materiais didáticos extras de acordo com as necessidades e particularidades de cada escola ajudando desta maneira na melhoria do ensino.

Quanto às políticas educacionais para a EJA é interessante salientar que apesar deste nível de ensino não ser obrigatório, é dever do Estado e direito do cidadão ter acesso a um ensino público gratuito e de qualidade. Ou seja, o Estado deve garantir aos alunos condições educacionais de acompanhar os avanços e modificações do mundo, possibilitando outras formas de intervenção. Não podemos desconsiderar os fatores políticos, culturais, sociais e econômicos dos alunos, certamente eles influenciam durante o desenvolvimento das aulas na EJA trazendo benefícios significativos, pois, poderemos confrontar a realidade local com os conceitos científicos.

Dotada de qualidades que a tornem efetiva transforma-se numa política educacional que ameaça as elites privilegiadas, com possibilidades de produzir desobediência por parte dos marginalizados economicamente ao não aceitarem os limites impostos pela sociedade de classes (Arelalo e Kruppa, 2007, p.85).

É importante salientar que a educação para jovens e adultos tem características especiais à medida que não estabelece conteúdos ou idade no seu ensino fazendo uma *desorganização* nas questões burocráticas da própria escola. Este fato por diversas vezes é usado para dificultar a criação de turmas para este nível de ensino, pois o uso do livro didático, o conteúdo já programado para as turmas independente do nível de ensino, a idade esperada para conclusão do ensino médio e fundamental são questões muito presentes nas escolas e mesmo com a melhoria dos recursos vinculados para a EJA esta ainda é tida como uma política educacional em *segundo plano*.

1.1 Caminhos e descaminhos: políticas educacionais da EJA a partir dos anos 90.

Ao longo dos anos a EJA vem passando por modificações quanto aos investimentos e também em relação à visão de seu ensino como sendo uma proposta para melhorias na educação de jovens e adultos. Passadas várias décadas podemos

vivenciar avanços e retrocessos nas políticas educacionais para a EJA. Sendo assim, poderíamos iniciar nossa discussão a partir dos anos 90 com a entrada do primeiro presidente escolhido pelo voto popular.

Após o período de ditadura militar houve a eleição onde o povo pode escolher seu presidente através do voto. A população, sobretudo, de jovens e adultos até então bastante envolvida em movimentos contraditórios ao período militar via nessa nova forma de governo uma oportunidade para exercer sua cidadania gerando desta forma melhorias para o seu país. Esperava-se um governo onde os *marginalizados da sociedade* tivessem a chance de alcançar melhorias na educação, através de políticas públicas ampliadas e adequadas para as necessidades da população mais carente de tais recursos.

Porém não foi o que ocorreu no mandato do então Presidente da República Fernando Collor de Mello, pois muitos recursos foram desviados descumprindo com as expectativas do povo em relação ao governo eleito. Além disto, houve pessoas influentes em seu mandato que desacreditavam nos benefícios que a Eja poderia trazer para a sociedade, a exemplo do ministro da educação José Goldemberg que apresentou, no início de sua gestão, um argumento surpreendente sobre a universalização da educação de jovens e adultos:

(...) a morte é a solução social para o problema do adulto analfabeto, pois este já havia aprendido a sobreviver sem escolarização (HADDAD; PIETRO *apud* ARELALO e KRUPPA, 2007, p. 88-89).

Fica clara a exclusão social presente neste contexto, onde o adulto acima da idade escolar seria completamente excluído, pois, segundo as autoridades da época, ele teria passado por um processo de adaptação a tal situação. Sem dúvida uma arbitrariedade, à medida que o adulto sem escolarização ficaria isolado, sendo imposto a uma situação onde teria que permanecer sem acesso ao ensino e, conseqüentemente, afastados de mudanças que o contexto apresenta, pois seria um mundo inacessível para pessoas com faixa etária diferenciada ao currículo escolar.

Porém o povo foi às ruas mostrando seu poder em prol de uma causa justa e reuniu-se para lutar a favor de seu país e dos direitos como cidadãos livres e participativos nas decisões em torno da Nação, através do movimento denominado - *Caras Pintadas*. Sendo um dos maiores manifestos envolvendo jovens e estudantes no

país. A meta era o *impeachment* do presidente Collor. A população conseguiu seu objetivo e aparentemente uma nova inflexão foi feita a favor da EJA.

Com o novo presidente, Itamar Franco e o ministro Murilo Hingel, houve a elaboração do Plano Decenal de Educação Para Todos (1993-2003), este tinha como objetivo o atendimento a 8,3 milhões de jovens e adultos (2,7 milhões de analfabetos e 4,6 milhões de sub-escolarizados) (ARELALO e KRUPPA, 2007, p:89).

No decorrer da segunda metade da década de 1990, entretanto, o território concreto da formulação e implementação das políticas governamentais no Brasil mostrou-se bastante problemático para a EJA, especialmente quando considerada a atuação do governo federal que, historicamente, cumpre importante papel de indução de iniciativas dos estados e municípios nesse campo educativo (BEISIEGEL *apud* PIERRO, 2010).

Exemplo deste fato é o modelo neoliberal adotado durante o primeiro e segundo mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, onde o Estado passou a restringir recursos para a educação de jovens e adultos, a Eja saiu do ministério da educação (MEC) para ser trabalhada separadamente através do Programa Comunidade Solidária sob a responsabilidade da então primeira dama Ruth Cardoso. Passou a ser uma política separada dos benefícios propostos para os demais níveis de ensino, ou seja, do ensino fundamental e médio em nível regular. De certa forma este fato colaborou para desvalorizar essa modalidade à medida que ela ficou sob a responsabilidade de um único programa, a Alfabetização Solidária, o qual trabalhava ainda pelo método quantitativo, obedecendo a uma dinâmica de focalização apenas nos municípios que apresentavam maiores índices de analfabetismo e analfabetos funcionais, era trabalhado basicamente por meio de benefícios para municípios e estados que apresentavam menores índices de desenvolvimento humano.

Ainda trabalhava na política voltada para dados quantitativos, ou mesmo uma educação de compensação não havendo dessa maneira metas que pudessem promover a melhoria da educação com base na qualidade. Nenhuma medida governamental foi tomada satisfatoriamente de modo que viessem complementar as políticas educacionais para educação de Jovens e adultos. Quando falamos, por exemplo, em material didático ou complementar, transporte escolar, merenda, qualificação de profissionais, salários adequados para educadores etc.

O fato de não ser mencionado nenhum curso de qualificação para formação de educadores no contexto da Eja, retrata este fato, de modo que, no início do terceiro milênio pouco mais de 1% dos cursos de formação docente no país ofereciam habilitação específica para atuar com essa modalidade da educação básica (PIERRO, 2010).

Mesmo continuando o modelo neoliberal do governo anterior, muitas mudanças positivas em termos quantitativos por meio de projetos foram feitas no mandato do presidente Luis Inácio Lula, houve um incremento na colaboração da União com os estados e municípios, com o financiamento para os programas de assistência aos estudantes.

Além disto, houve uma ampliação no número de programas para benefício da EJA, o Programa Brasil Alfabetizado, coordenado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (MEC); o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM, gerido pela Secretaria Nacional de Juventude; o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, mantido pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do MEC; o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário; e o Exame Nacional de Certificação de Competências, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Portanto houve apenas ampliações quanto ao número de projetos e não mudanças significativas quanto ao modelo neoliberal.

[...] Programas e projetos, tanto no governo Fernando Henrique quanto no governo Lula, não se diferenciam no que diz respeito à concepção das relações entre Estado e sociedade civil, que passam a se dar através das parcerias entre o setor público e o setor privado. Estas relações supõem o repasse de parte das funções do Estado para a sociedade civil, acompanhado do repasse de recursos, que, realizados sob o ordenamento jurídico privado, fogem aos controles públicos da União (KUENZER *apud* PIERRO, 2010).

Portanto fica claro que durante o governo Lula houve um maior empenho quanto à questão de disponibilidade de projetos para a melhoria da educação e, conseqüentemente, maior financiamento. Porém também há indícios de continuidade de uma política educacional onde ocorreram parcerias entre o setor público e o setor privado para a efetivação dos programas e projetos de seu governo, desviando parte

dessas funções para o Terceiro setor isto é, grande parte da responsabilidade do Estado ficou a cargo da iniciativa privada.

ATO 2

"Nada lhe posso dar que já não existam em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso são tudo".

(Hermann Hesse)

Capítulo 2

POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EJA

Quando entramos em sala de aula devemos estar abertos a críticas construtivas ou não. Dessa maneira mantemos uma posição de respeito, o aluno é ouvido e tem oportunidade de expressar sua opinião sobre diversos conteúdos, tirar dúvidas, fazer sugestões, sendo reconhecido como um ser crítico e participativo. Estabelecemos dessa maneira uma relação onde os sujeitos, educador e educando, constroem um aprendizado, à medida que o professor reconhece que não é *dono do saber*, tornando-se um ser aberto a modificações ou ampliações em sua metodologia. Dessa maneira fica claro que ensinar não é transmitir conhecimento, pois este será produzido a partir das relações estabelecidas no dia-a-dia.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo - é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. (FREIRE, 1996, p.28)

Além disso, devemos saber reconhecer a importância da diversidade de conhecimentos presentes, sobretudo, no ensino popular. Nada nos impede de discutir o conhecimento popular dos alunos, afinal às aulas seriam muito mais interessantes se pudéssemos falar de fatos que temos contato direto. Com essa atitude podemos buscar maneiras de ensinar ciência de acordo com a realidade local. Quando falamos de fotossíntese, por exemplo, podemos destacar as plantas típicas de nossa região. Porque falar somente de plantas típicas da região norte ou sul? Afinal temos exemplos surpreendentes de plantas como os cactos que além de servir como alimento para animais apresentam uma alta resistência as secas constantes do nordeste. Partimos dessa maneira de um ponto onde podemos destacar os fatores climáticos, a estrutura da planta para desenvolver essa resistência, a utilidade para a economia local, enfim falamos de fotossíntese mais também de diversos outros fatores ligados a ela.

Em virtude disto fica claro que ensinar exige pesquisa e estudo constante onde devemos criar possibilidades de aprendizado, pois este é construído no dia-a-dia a partir de fatos que surgem constantemente. Assim o professor também é um eterno aprendiz que deve comportar-se com humildade reconhecendo que o aluno muitas vezes torna-se educador. Ao trazer uma informação nova, ao esclarecer uma dúvida do colega ou do educador, ao pesquisar e ao criar diferentes possibilidades de aprendizado, construímos uma relação de amor, cumplicidade, confiança e fé entre educador-educando produzida a partir de um diálogo aberto e contínuo, onde ambos aprendem juntos. Enfim, como diria Paulo Freire (1996):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (p.12).

Com isso fica claro que o educador também é um ser aberto a mudanças diante de fatos novos, sendo assim, torna-se um ser aberto a ampliações em sua metodologia de acordo com a necessidade que a situação os impõe. Sem dúvida os fatores culturais, sociais e históricos dos alunos influenciam para essa mudança, pois não posso exigir cooperação ao meu método de ensino sem ouvir os alunos, sem saber se estou sendo clara em minhas explicações em assuntos diversos; conversar, ouvir os demais é fundamental, pois estou convivendo em grupo e não posso tomar decisões ou agir individualmente, além disto, a superação das dificuldades identificadas pelos alunos assim como a participação direta dos mesmos é essencial.

Nesse processo, o educando precisa também lutar contra si mesmo, contra seus preconceitos, contra o fatalismo social inculcado pelas elites dominantes, o paternalismo colonial etc.(GADOTTI, 2004-p.34).

Portanto trata-se também de uma superação por parte dos alunos no momento em que eles perdem seus medos, arriscando-se, buscando novas formas de aprendizado mesmo diante de fatos que poderiam desestimulá-los como a sua condição social, ou mesmo, a superioridade imposta pela *elite do país*. Mesmo com todas as dificuldades da escola pública o aluno busca melhorar, ampliar seus horizontes diante do que lhe é oferecido, ou seja, a própria sala de aula e os fatores burocráticos ligados a ela. Como exemplo de superação, teríamos as informações trazidas pelos alunos ou pelos professores que acrescentam positivamente no conteúdo debatido durante as aulas,

o que por inúmeras vezes nos leva a outras explicações de assuntos diversos enriquecendo o ambiente escolar.

Devemos salientar que o diálogo é uma ferramenta indispensável para o processo de ensino, de forma que o educador não detém todo o conhecimento e deve disponibilizar espaço para o confronto em sala de aula. Afinal os discentes não podem se abater diante de certos métodos arbitrários, não devendo adaptar-se a certos conceitos, mas tentar superá-los sempre que necessário. Da mesma forma devemos enxergar o contexto da sala de aula no momento em que o professor humildemente reconhece que assim como o aluno está em processo de aprendizagem e que este se fará mais rapidamente quando produzido em conjunto, através de uma convivência de cumplicidade e auxílio sempre que preciso for. O mais adequado é tentarmos ensinar ciências de uma forma concreta levando em consideração os fatores culturais dos discentes, nada nos adianta forçar a memorização durante as aulas de teorias ou mesmo fórmulas matemáticas, físicas ou químicas e com essa atitude criar um distanciamento na compreensão dos fenômenos naturais, tornando a ciência algo mecanizado e não de entendimento universal e histórico.

Em sala de aula, como em qualquer outro ambiente de estudo, temos que ter consciência que é bastante interessante deixar perguntas em aberto sobre o tema ou os temas abordados, pois no momento que isso ocorre há um resultado muito proveitoso, à medida que movidos pela curiosidade em aprender cada vez mais o aluno sente-se desafiado a buscar respostas para as suas dúvidas. Mais uma vez vimos nesse contexto o aluno-professor que incentivado pelo educador passa também a ser pesquisador quando busca o aprendizado, construindo dessa maneira uma forma positiva e crítica de enxergar o mundo e os fatores ligados a ele. É importante sem dúvida respeitar as características únicas de cada um, assim como, suas capacidades, desejos e dificuldades advertindo-lhes para a necessidade da produção individual e coletiva, destacando, dessa forma, a capacidade autônoma do grupo e do indivíduo, o aluno é instigado e arrisca-se a perder seus medos, a buscar soluções e por inúmeras vezes construir as possibilidades necessárias para a ampliação dos diversos saberes.

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando - não são regalos que recebemos por bom comportamento. As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos (FREIRE, 1996, p.38).

Por outro lado o educador deve dar mais atenção a fatos comuns do cotidiano escolar como no caso de aulas onde simplesmente fala-se de um determinado conteúdo sem identificar a importância dele para a comunidade do município, estado ou país como se fosse algo distante da realidade.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio a experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação (FREIRE, 1970, p.36).

Assim o docente torna-se mero transmissor de fatos e o aluno apenas um ouvinte não participativo de acontecimentos vistos por ele como irrelevante, pois, de nada contribuirá para sua realidade de vida. Quando falamos em extinção de animais, geralmente o livro didático retrata animais da fauna de outros países como o urso panda, por ser um dos mamíferos mais belos do mundo. Mas por que não falar de animais que enriquecem a fauna brasileira que, da mesma forma como o panda, correm o risco de desaparecer? Não podemos exigir que os alunos participem ativamente de assuntos que podem parecer alheios a sua realidade, se inicialmente não falarmos, por exemplo, da diversidade de espécies do nosso próprio país.

Sem dúvida quando partimos de uma relação onde há um diálogo constante, partindo-se da realidade do educando, dos conhecimentos e da experiência vivida por este a aula ocorre de forma mais produtiva e construtiva a ponto de produzirmos novos conhecimentos a partir da cultura vivenciada pelos mesmos. Porém é importante salientar que esse processo ocorre em conjunto, pois, não é tarefa fácil romper com certos métodos tradicionais impostos ano a ano pelo próprio sistema educacional e pelos educadores *tradicionais*. Até porque, por vezes, o aluno sente-se desanimado diante de fatos ocorridos no ambiente escolar o que condiciona uma posição de submissão por parte dos mesmos diante de uma postura autoritária do professor. Podemos salientar que a educação principalmente de jovens e adultas não pode ser condicionada ao jogo do eu ensino e você aprende.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996, p.12)

O ensino é algo que deve ser visto como um aprendizado mútuo e constante principalmente quando falamos da EJA, pois os alunos que se inserem nessa modalidade geralmente possuem uma experiência de vida e uma visão de mundo única em que as circunstâncias podem ser interpretadas como algo irrelevante. Portanto, os educadores não podem impor um comportamento ou uma maneira de pensar ao educando, até porque isso roubaria a liberdade de expressão dos mesmos. Estamos convivendo com pessoas comuns e não com máquinas com respostas e perguntas programadas, a sala de aula é um ambiente onde podem e devem ocorrer perguntas e respostas inesperadas ou surpreendentes, fazendo do ambiente escolar algo interessante, desafiador, uma descoberta contínua. De nada adianta pregarmos uma teoria ou forma de pensar e agirmos contrariamente a esta, ou seja, no momento em que o professor se permite uma mudança positiva isso certamente irá beneficiar os seus alunos de maneira que estes se sentam estimulados a mudanças benéficas. O ensino sobre ângulo algum pode resumir-se a memorização, fixação de assuntos tidos como essenciais, pelo contrário os alunos podem e devem ter conhecimento de fatores importantes para seu crescimento em termos qualitativos.

ATO 3

"Talvez seja este o aprendizado mais difícil: manter o movimento permanente, a renovação constante, a vida vivida como caminho e mudança"

(Maria Helena Kuhner)

CAPÍTULO 3

ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA: LIVRO DIDÁTICO E CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO

Há algumas décadas a questão do ensino e aprendizagem em sala de aula era trabalhada levando em conta apenas a utilização do livro didático. Hoje sabemos que este é apenas uma das muitas possibilidades de ensino que podemos utilizar nas aulas de ciências. É interessante salientar que para analisarmos qual a melhor forma de selecionar o conteúdo, supostamente, os mais relevantes, é fundamental o processo de contextualização por parte do professor quanto às características da turma, os fatores sociais, culturais, políticos e econômicos do grupo, para, em seguida, ouvindo a opinião da turma em questão, analisar quais ferramentas de ensino seriam mais apropriadas para a realidade local.

Quando dizemos que é preciso buscar a melhor ferramenta de ensino para ser trabalhada de acordo com nosso contexto de sala de aula não estamos excluindo o livro didático, mas defendendo o direito a outras fontes para consulta e ampliação dos diversos saberes. Defendemos inclusive o direito ao livro didático gratuito e de boa qualidade, pois, muitas vezes, a escola não disponibiliza nem ao menos um acervo mínimo de livros, ficando o livro didático como um material único para retirada de dúvidas, consulta para atividades complementares, leitura de textos etc. Sendo assim, como utilizar outras fontes se a minha escola é ainda muito carente em relação aos materiais didáticos?

É nesse ponto onde o professor com a sua capacidade de criação e criatividade pode fazer toda a diferença buscando incluir também em suas aulas conteúdos do livro didático de maneira mais ampla, prática e diversificada. Como também, relacionando com revistas, jornais, filmes, colagens, desenhos, pintura, modelagem, gráficos, tabelas e quadrinhos, além disso, os espaços livres fora da sala de aula podem perfeitamente enriquecer as aulas tornando-as mais dinâmicas.

Ou seja, essas fontes devem ser interpretadas como material alternativo ao livro didático, sendo importantíssimas para a aquisição ou ainda complemento de assuntos diversos podendo desta maneira serem incluídas diretamente no currículo escolar. Um currículo que deveria ser produzido com fatores ligados diretamente a realidade dos discentes, sobretudo quando falamos em nordeste que tem um histórico completamente diferenciado dos demais estados e que sobre ângulo algum pode ser estudado ou interpretado como uma região pobre em diversidade e por esta razão ser excluída de pesquisas e estudos mais abrangentes. Sendo assim entendemos que o nordeste sempre foi uma região propícia ao preconceito, portanto, por vários momentos é vista como um local pobre onde só existe seca, fome, miséria, analfabetos, crianças desnutridas, um clima seco típico da região semi-árida o que torna a fauna e a flora praticamente inexistente. Estes relatos são mencionados muitas vezes por pessoas que desconhecem a realidade da região e também da sua população, o que resulta por inúmeras vezes em um número mínimo de citações que retratem a cultura e diversidade dos estados pertencentes à região.

Como por exemplo, a coragem e determinação dos jovens e adultos que insistem em permanecer na escola enfrentando todas as adversidades, as aves e plantas belíssimas que embelezam o sertão, a cultura dos poetas com seus cordéis. Seria injusto desconsiderarmos todos esses fatos analisando apenas os fatores que empobrecem a região e fechando os olhos para a possibilidade de ensino e aprendizagem existente nesse contexto.

Mas uma vez volto às mesmas perguntas. Por que os livros didáticos não podem retratar a realidade dessas pessoas trazendo possíveis possibilidades positivas para tais problemas e como consequência esperança para o povo? Por que no estudo sobre plantas os livros retratam sempre uma macieira e não um umbuzeiro? Como podemos entender ou fazer qualquer tipo de ligação entre fatores externos se não entendemos a nossa realidade?

Desta maneira vimos a possibilidade de um currículo contextualizado levando em conta o contexto sócio-cultural do semi-árido para possivelmente tentar promover melhorias no ensino público a partir de políticas educacionais mais condizentes com esta realidade.

No nordeste brasileiro e especialmente na região semi-árida, o currículo contextualizado caracteriza-se pela evidência dos sabores e saberes múltiplos do semi-árido, já que esta tem sido a realidade historicamente negada, distorcida e manipulada pela educação 'universalista, objetiva e imparcial' que as elites brasileiras impuseram as diferentes classes e categorias pobres deste país (MENEZES e ARAÚJO, 2007, p.36).

Sendo assim, são muitos os motivos que nos levam a lutar por modificações dentro das instituições escolares e valorizar o histórico dos alunos, assim como, as regiões onde residem. Torna-se, sem dúvida, fator determinante para o entendimento da diversidade nacional. Como exemplo, podemos dizer que se um aluno tem conhecimento de sua realidade local, quanto ao clima, à fauna e à flora certamente poderá fazer ligações e diferenciações em relação a outros estados de seu país. Daí a importância de se construir um currículo diversificado para cada realidade, pois se simplesmente pegarmos um modelo pronto dificilmente ele irá ser capaz de beneficiar por completo as turmas trabalhadas, visto que cada uma delas tem históricos diferentes e por esta questão também tem necessidades diversas.

Desta forma, o professor irá trabalhar os conteúdos escolhidos em conjunto com o grupo de alunos de maneira qualitativa, sendo que o educador pode ser um facilitador do conhecimento à medida que o aluno poderá construir seu conhecimento. Assim trabalha-se de forma construtivista, de maneira que o aluno irá tecer seu conhecimento a partir de diferentes instrumentos de ensino, trata-se de demonstrar para os alunos que eles são sem dúvida alguma parte integrante do sistema de ensino e aprendizagem não meros objetos controlados por um sistema burocrático.

É o mesmo que dizer que essas aprendizagens devem ser pensadas no quadro de um *modelo didático composto* que postula simultaneamente que o aluno é o centro organizador essencial de seu saber e que o resultado desta auto-aprendizagem conduz o indivíduo a rupturas epistemológicas que ele não podia supor no momento inicial (ASTOLFI E DEVELAY, 2007, p.76).

Ou seja, ao longo deste aprendizado na construção de seu conhecimento o aluno irá descobrir novas maneiras de enxergar o mundo e os fatores ligados a ele o que implicará em um progresso intelectual constante sendo visível por ele e pelos tantos ligados ao seu contexto social. Para isso é necessário não apenas o conhecimento teórico dos diversos conteúdos científicos, mas também atividades práticas e experimentais que por consequência induzem o discente a investigar, a analisar e a fazer

questionamentos, procurando quais seriam as melhores respostas para determinados assuntos, além disso, impulsionam o trabalho coletivo fazendo intercâmbios entre os colegas e com o próprio professor. Enfim, rompe com muitos obstáculos ainda presentes no contexto escolar, como o medo dos alunos de aventurar-se na busca de novas formas de aprendizado e o fato apenas de decorarem fatos e não construí-los por meio de experiências vividas ao longo do tempo.

É preciso, isso sim, fornece-lhes ocasiões de modificar os *esquemas* graças aos quais ele constrói seu mundo cognitivo. Isso não significa, de maneira simplista que os alunos devam descobrir tudo pela atividade autônoma, mas que a escola não pode ser eficaz se impuser um sistema de coações não compreendidas, funcionando como molde normalizador: podendo ser molde produzir condutas miméticas, mas não possibilitando a auto-estruturação do meio real (ASTOLFI E DEVELAY, 2007, p. 83 e 84).

Portanto a escola não pode trabalhar de forma mecânica com regras ou teorias tidas como certas impossibilitando o aluno a qualquer forma de contestação frente a fatores identificados pelos mesmos como sendo errôneos. Devemos impulsionar a criatividade, a capacidade de reorganizar fatos, recriar, modificar, ampliar, diversificar os temas abordados em sala de aula independente dos instrumentos de ensino utilizados. Nesse sentido, o professor deve prestar toda a assistência aos alunos, apoiando e sugerindo quais as melhores ferramentas a serem trabalhadas no processo de ensino e aprendizagem, porém sob forma alguma pode trabalhar na perspectiva de transmissão do conhecimento, pois este é construído de maneira diferenciada em relação a cada grupamento de pessoas, sendo que cada um tem um histórico familiar, econômico, cultural, político, também diferenciado, sendo assim, as perspectivas e possibilidades de ensino devem ser múltiplas sendo considerados todos esses requisitos que sobre ângulo algum podem ficar excluídos da sala de aula e de tantos outros segmentos que tenham como intuito a produção do conhecimento.

ATO 4

"Errar não é só humano, como necessário. O desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem muito mais através da análise de nossos erros do que pelo louvor de nossos acertos. É preciso ter a coragem de errar"

(Eremita)

CAPÍTULO 4

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DE UMA VIVÊNCIA DE PESQUISA

Apesar da importância social que a EJA representa para a sociedade, por beneficiar indivíduos que pararam de estudar por algum tempo durante a infância ou adolescência, pouco se fala nas unidades acadêmicas de suas contribuições para o país em termos qualitativos. Mas sem dúvida há um número relevante de educadores e educandos que estão inseridos diretamente nessa modalidade, sendo assim, é nítida a necessidade de pesquisas mais amplas para contemplar os sujeitos envolvidos nesse nível de ensino. Inicialmente, ao concordar em trabalhar com as aulas de ciências nessa modalidade, poderíamos supor que seria tarefa fácil, afinal são jovens e adultos e, certamente, retornam a escola com maior maturidade. Sendo assim, imaginei que não exigiria tanto de mim como educadora! Para melhor compreensão dessa realidade municipal, desde o início do trabalho relatamos fatos relacionados à convivência em sala de aula, por meio de diários de campo, desenvolvendo pesquisa semanal a cada nova aula e por, conseqüência, a cada nova experiência com os alunos.

As idades dos alunos variavam entre quatorze a vinte seis anos, há um número considerável de alunos residindo na zona rural afastadas do município, alguns trabalham durante todo o dia parando somente no horário escolar o que reflete um cansaço extremo durante a aula (Diário de Campo - 21/03/11)



Alunos da EJA da Escola Municipal A.C da Conceição

SARA DAYSE SOUTO PORFIRIO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS POSSIBILIDADES DE
ENSINO-APRENDIZAGEM: UM ESTUDO NA ESCOLA MUNICIPAL ANA
CLEMENTINA DA CONCEIÇÃO JAÇANÃ /RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde - UFCG/CES como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. André Antunes Martins

CUITÉ-PB 2011

Nessa perspectiva concluí que estava certa em relação a uma das escolhas a serem trabalhadas durante as aulas. Mas sabia que tinha outras possibilidades para beneficiá-los ainda mais, de forma que pudéssemos construir um aprendizado ao longo do tempo, a cada fato novo, ou mesmo a partir de questionamentos apresentados por parte dos alunos. O livro didático continua sendo bastante importante, mas nada nos impede de tentar produzirmos juntamente com os alunos novas maneiras de ensinar e aprender rompendo com modelos tradicionais de perguntas e respostas, o que resultava, simplesmente, em memorização ou mesmo em um professor que transmite conhecimento e um aluno que recebe passivamente os fatos impostos pelo educador sem qualquer contestação.

Ou seja, se o objetivo é promover uma aprendizagem significativa, e não baseada puramente na memorização do conteúdo, não se pode ignorar alguns princípios básicos do construtivismo (CAMPOS e NIGRO, 1999, p.15).

Portanto, podemos mais uma vez reforçar que o aluno pode construir significados e respostas diferenciadas a cada proposta nova de ensino, reorganizando fatos, fazendo levantamentos ou ligações. Com isso é fundamental que o professor considere a opinião dos alunos, pois, certamente eles sempre terão algo a dizer, o contrário, seria supor que apenas o educador sabe alguma coisa, o que torna o processo de ensino unilateral. Sem dúvida o discente sempre terá uma nova ideia a dizer, refletirá sobre o conteúdo estudado, ou seja, tem suas próprias convicções que, por sinal, são fundamentais para o ensino-aprendizagem. Certamente os acontecimentos levantados pelos alunos devem ser analisados em relação às explicações científicas, mas nunca considerados errados, podendo ser ampliados modificados a partir desse confronto com a realidade.

Apesar das dificuldades enfrentadas, vejo a oportunidade de produzir novos conhecimentos para a turma, buscando novas fontes de interesse para os educandos na relação com os saberes científicos (Diário de Campo - 02/05/11).

Nesse sentido é nítida a necessidade de tecermos ou construirmos um conhecimento diário, constante, a cada informação ou nova oportunidade, fazendo do ambiente escolar uma aventura, uma descoberta contínua. Os saberes do cotidiano são fundamentais, pois não podemos de forma alguma resumir nossa aula a assuntos selecionados por série, como se fossem saberes fragmentados ou mesmo separados que

devemos saber a cada novo ano, tudo muito certinho controlado por um sistema de cadernetas, avaliações as quais selecionam os bons e os maus alunos, os que são aprovados e os reprovados. Seria uma redução anual onde o aluno passivo controlado por um professor ativo obedece a todas as regras transcrevendo fielmente o que lhe foi transmitido nas avaliações, tirando as melhores notas e sendo o aluno nota dez da turma, enquanto aquele aluno espontâneo e por muitas vezes barulhento é muitas vezes, descartado por não se adequar as normas da escola. Mas e quanto ao aprendizado? Será mesmo que uma turma silenciosa é um sinal de rendimento escolar? Ou isto tudo não passa de leis estabelecidas pelos poderosos que insistem em ditar regras tidas como mais adequadas ou corretas?

A aula hoje ocorreu de forma tranquila, porém bastante produtiva. Iniciamos nossa aula com uma pergunta referente ao tema a ser trabalhado no decorrer da mesma. Qual a importância da fala para a humanidade? Como seria o nosso contexto social se vivêssemos ainda como os nossos antepassados mais antigos? E curiosamente o que imaginei ocorreu, um dos alunos me perguntou de forma direta: Professora isso não é assunto para ser discutido na aula de história? Respondi afirmando que história também é ciência e a melhor maneira de compreendermos as disciplinas é compreendendo suas relações. Portanto, mesmo sendo professora de ciências nada me impediu de falar de história, até porque este fato contribuiu positivamente para a construção mais ampliada de saberes durante nossas aulas (Aula de Campo 05/09/11).

O fato é que o conhecimento científico pode ser buscado ou construído não só na escola mais em praticamente qualquer ambiente, os alunos não estão nesses locais por acaso, mas podem e devem ter liberdade para se expressarem, afinal a escola não é um ambiente que detém todas as informações fundamentais para o crescimento intelectual e político do jovem e do adulto. O conhecimento deve ser produzido entre alunos quando trazem algo novo para um colega ou mesmo professor, com professores ao buscarem novas maneiras de ensinar e aprender, portanto todos os indivíduos desse grande grupo são indispensáveis nesse processo. O diálogo em sala de aula deve realizar-se por meio do conhecimento que ambos os sujeitos detém diante de temas que proporcionem a análise da vida cotidiana dos mesmos e não apenas uma análise curricular formal a partir de conceitos científicos.

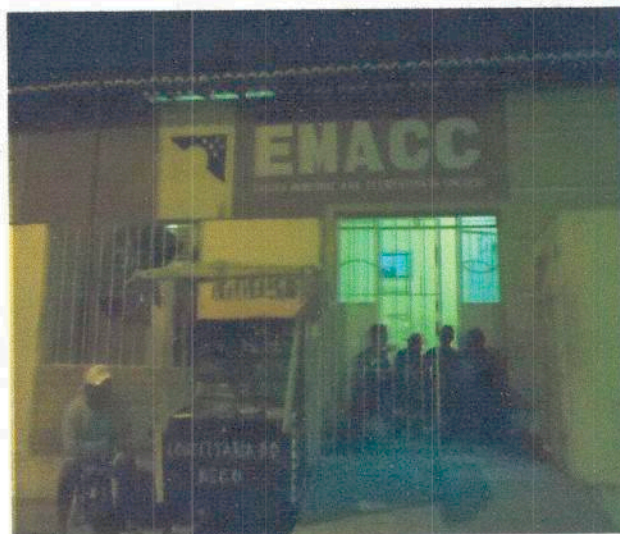
Muitas professoras sabem que há diferentes modos de tecer/criar conhecimentos; traçam-se conhecimentos na escola, mas também fora da escola, nos encontros e desencontros, no trabalho, nas brincadeiras,

nas relações que dentro e fora cada um vive (GARCIA E ALVES, 2008, p.81 a 82).

A partir de fatos até aqui mencionados fica claro que cada um de nós tem uma forma única, particular de criar novos conhecimentos a partir de diferentes fontes ou ferramentas apesar de algumas imposições apresentadas por membros da elite, que insistem em uma educação construída sob forma de controle. O instinto curioso e investigador, ainda que muitas vezes adormecido, encontra-se vivo. É fundamental que existam educadores dispostos a lutar contra a corrente, impulsionando o aluno a tentar mudar sua realidade positivamente por meio da educação.

Devido a conversas informais com os próprios alunos percebi que eles têm interesse por vídeos educativos, por sinal até afirmam acompanhar algumas aulas na TV escola. Neste caso, como a nossa escola disponibiliza de alguns vídeos, resolvi usá-los na aula sempre que possível (Diário de Campo - 22/08/11).

Não existe segredo para o processo de ensino senão através do diálogo, não posso simplesmente chegar com modelo pronto de aula e apenas passar a *matéria* com meus alunos, afinal é um trabalho em grupo não apenas meu. Ao identificar ferramentas que podem ajudar a falar de diversos conteúdos e que, além disso, causam um impacto positivo nas aulas, não há porque não utilizarmos tais fontes. Sendo assim produzirmos uma relação a partir de conversas constantes valorizando o conhecimento empírico do aluno o qual por meio de instrumentos de ensino pode ser repensado, ampliado, enriquecido e porque não reconstruído.



Alunos da EJA no horário de intervalo

O importante é a vontade de aprimorar o conhecimento: Tudo é motivo para aprendizagem e crescimento. Nunca perca a curiosidade e a vontade de progredir, independente de sua idade.

Perfect Liberty

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa pudemos considerar que apesar da educação de jovens e adultos ser fundamental para a formação política, cultural e social de pessoas que não tiveram acesso a escola durante a infância e adolescência, ou, ainda, para jovens que por diversos motivos pararam de estudar, é visível as dificuldades contidas nessa modalidade de ensino. Há poucos cursos superiores que oferecem especialização para educadores nessa área, além disso, existem poucos professores de EJA em sala de aula com cursos superiores, infelizmente as exigências para lecionar são mínimas, o que aparenta um descaso das autoridades em relação aos alunos dessa faixa etária.

Quanto às políticas educacionais infelizmente elas são trabalhadas ainda com efeito compensatório, tendo como principal objetivo trabalhar com o máximo de conteúdos possíveis para compensar os *anos perdidos*. Portanto trata-se de ensinar para de certa forma gratificá-los pelo não acesso ao ensino na idade adequada, porém é importante lembrar que essas pessoas estão inseridas nessa modalidade de ensino por vontade própria, pela necessidade de formação continuada, pelo conviver em grupo, dividindo experiência, informações novas, enfim aprendizado continuado e não uma atividade compensatória. Esse grupo de pessoas apesar do distanciamento por anos de sala de aula traz um conhecimento particular, resultante de seu contexto social, político, econômico que de forma alguma pode ser desconsiderado. Até porque é uma forma de conhecer e investigar, nesse caso trata-se de conteúdos não propriamente curriculares, mas essenciais na formação dos alunos.

Quanto à disponibilidade de materiais didáticos, esta modalidade é ainda mais carente que o ensino regular, pelo fato de muitos recursos serem reduzidos ou inexistentes, como, por exemplo, o livro didático que apesar de sabermos que não pode ser utilizado como única ferramenta de ensino continua tendo importância relevante. Sobretudo quando falamos de alunos da EJA, por serem turmas formadas com alunos que trabalham durante todo o dia, tendo tempo livre somente no horário noturno e também disponibilidade de material didático bastante reduzido, o livro didático é sem dúvida fundamental para essas pessoas, representando uma possibilidade de acesso a determinados conteúdos sistematizados. Porém o professor não pode tornar-se refém

UNICG / BIBLIOTECA

dessa ferramenta de ensino, procurando disponibilizar outras fontes de consulta para os alunos, inovando sempre que possível.

É importante salientar que a educação de jovens e adultos não pode ser considerada como um ensino em segundo plano, sendo necessário o mínimo possível de recursos e de dedicação dos educadores. Sendo assim podemos dizer que é necessário uma mudança de postura imediata de todos os envolvidos no sistema escolar para que a EJA possa ser percebida de acordo com o que representa para a sociedade. Ou seja, um importante lugar de ensino-aprendizado e pesquisa, desmistificando o fato de ser considerada, ainda, por muitos, como ensino supletivo ou com o objetivo de aceleração das séries cursadas.

Sem dúvida projetos de pesquisas que retratem essa realidade são importantíssimos para que possamos conhecer diretamente as dificuldades e possibilidades de ensino regional, ou seja, a realidade de nosso contexto social, para em seguida podermos fazer comparações com os demais municípios. Sendo assim conhecemos primeiramente nossa realidade, realidade essa vivida pelos habitantes de nossa cidade, por amigos, vizinhos, ex-colegas de turma ou, simplesmente, desconhecidos dispostos a conviver novamente em sala de aula, a conhecer o novo, ou relembrar fatos talvez esquecidos, assim vimos nessa proposta a oportunidade de envolver os alunos no ambiente escolar a ponto de perceberem que são parte integrante e fundamental no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES Nilda e GARCIA Regina Leite (Orgs). **O Sentido da Escola**. 5ª ed. Editora DP&A, Petrópolis/RJ 2008.

ASTOLFI, Jean Pierre e Delevay, Michel. **A didática das Ciências**. Papirus, Campinas, 1990.

ARELALO, Lisete Araújo Gomes e KRUPPA, Sônia Maria Portella. Educação de Jovens e Adultos. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de e ADRIÃO, Theresa (Orgs.). **Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB**. 2ª ed. São Paulo, Xamã, 2007, p. 85-105.

BRZEZINSKI, Iria (org), **LDB Dez Anos Depois: Reinterpretação Sob Diversos Olhares**- Cortez, São Paulo, 2008.

CAMPOS, Maria Cristina da Cunha e NIGRO, Rogério Gonçalves, **Didática de Ciências: o ensino-aprendizagem como investigação (conteúdo e metodologia)**. São Paulo: FTD, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo, 1996

GADOTTI, Moacir, **Pensamentos Pedagógicos Brasileiros**. 8ª ed. Editora Ática, São Paulo-SP, 2004.

GENTILI, Pablo A. A. e SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo Qualidade Total e Educação.**, Editora Vozes, Petrópolis/RJ 1994.

MENEZES, Ana Célia e ARAÚJO, Lucineide Martins. Currículo. Contextualização e Complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. In: **Caderno Multidisciplinar. Educação e Contexto do Semi-Árido: Currículo, Contextualização e Complexidade: Elementos para se pensar a escola do semi-árido.** v.1, Juazeiro/BA: Selo Editorial/ RESAB, 2007, p.33-47.

PIERRO, Maria Clara Di. **A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: Avaliação, Desafios e Perspectivas.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n 112, p. 939-959, jul-set de 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acessado em 10-08-2011.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução as teorias curriculares.** 2ª ed. Editora Autêntica, Belo Horizonte: 2007.